

Gênero e raça no ensino de Biologia: alternativas em (dis) curso para uma pedagogia antirracista e antissexista

Jucenilde Thalissa de Oliveira ¹

Ana Patrícia Sá Martins ²

Manoela Pessoa Matos ³

RESUMO

Este estudo se situa no campo das pesquisas educacionais que problematizam temas sociais no espaço pedagógico escolar. Neste caso, como recorte de uma investigação desenvolvida durante o mestrado em Educação, problematizamos as temáticas gênero e raça no ensino de Biologia, buscando compreendê-las a partir de uma perspectiva contextual, histórica e socioculturalmente situada, sob o prisma filosófico pós-crítico, questionando as explicações universalizantes e naturalizantes envolvidas na abordagem dos temas. Nesse sentido, empreendemos uma pesquisa-ação, no desenvolvimento de práticas didáticas com alunos/as do 3º ano do Ensino Médio, numa escola localizada na zona periférica da cidade

¹ Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Maranhão (PPGE/UEMA). Atua como Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Multiletramentos no Ensino de Língua Portuguesa (MELP-CNPq) e no Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GP-ENCEX-CNPq). O referente artigo deriva de uma pesquisa na vigência de bolsa de mestrado financiada pela CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7924-972X>. E-mail: jucenilde_oliveira@hotmail.com.

² Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). É líder do Grupo de Pesquisa Multiletramentos no Ensino de Língua Portuguesa (MELP-CNPq). Atua como professora Adjunta no Departamento de Letras, no Mestrado em Educação (PPGE) e no Mestrado em Letras (PPGL) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5716-1580>. E-mail: anamartins1@professor.uema.br.

³ Mestranda em Mestrado Profissional em Educação na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Docente do Instituto Federal do Maranhão (IFMA/Campus Buriticupu-MA). Participa do Grupo de Pesquisa Multiletramentos no Ensino de Língua Portuguesa-MELP da UEMA e integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Feminismo Decolonial, Formação de Professoras e Campesinato na Universidade Federal do Maranhão – UFMA/ Campus São Luís, somado ao Grupo de pesquisa “Núcleo de Humanidades/ Linha de pesquisa “Sociedade, Trabalho e Educação” no IFMA/Campus Buriticupu. E-mail: manoela.matos@ifma.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3654-7460>.

de São Luís - MA. Desse modo, sob o aporte analítico dos estudos bakhtinianos, visamos analisar as percepções dos/as alunos/as acerca dos temas gênero e raça no ensino de Biologia, a partir de suas escritas reflexivas, materializadas e compartilhadas através das plataformas digitais Canva e Padlet. Os resultados evidenciam a necessidade de se oportunizar reflexões, (des)construções e (re)significações com um viés antirracista e antissexista no ensino de Biologia, pontuando as demandas sociais nas Ciências Naturais.

Palavras-chave: gênero; raça; ensino de Biologia.

Discussing gender and race in Biology teaching: alternatives in (dis) course for an anti-racist and anti-sexist pedagogy

ABSTRACT

This study is located in the field of educational research that problematizes social themes in the school pedagogical space. In this case, as part of an investigation developed during the master's degree in Education, we problematize the themes of gender and race in the teaching of Biology, seeking to understand them from a contextual, historical and socioculturally situated perspective, from a post-critical philosophical perspective, questioning the universalizing and naturalizing explanations involved in approaching the themes. In this sense, we undertook action research, developing teaching practices with students in the 3rd year of high school, in a school located in the peripheral area of the city of São Luís - MA. Thus, under the analytical support of Bakhtinian studies, we aim to analyze students' perceptions regarding the themes of gender and race in Biology teaching, based on their reflective writings, materialized and shared through the digital platforms Canva and Padlet. The results highlight the need to provide opportunities for reflections, (de)constructions and (re)significations with an anti-racist and anti-sexist bias in Biology teaching, highlighting social demands in Natural Sciences.

Keywords: gender; race; teaching Biology.

Género y raza en la enseñanza de Biología: alternativas en (dis) curso para una pedagogía antirracista y antisexista

RESUMEN

Este estudio se ubica en el campo de la investigación educativa que problematiza temas sociales en el espacio pedagógico escolar. En este caso, como parte de una investigación desarrollada durante la maestría en Educación, problematizamos las temáticas de género y raza en la enseñanza de la Biología, buscando comprenderlas desde una perspectiva contextual, histórica y socioculturalmente situada, desde una perspectiva poscrítica. perspectiva filosófica, cuestionando las explicaciones universalizadoras y naturalizadoras involucradas en el abordaje de los temas. En este sentido, realizamos una investigación-acción, desarrollando prácticas docentes con estudiantes del 3º año de secundaria, en una escuela ubicada en la zona periférica de la ciudad de São Luís - MA. Así, bajo el apoyo analítico de los estudios bajtinianos, pretendemos analizar las percepciones de los estudiantes sobre los temas de género y raza en la enseñanza de la Biología, a partir de sus escritos reflexivos, materializados y compartidos a través de las plataformas digitales Canva y Padlet. Los resultados resaltan la necesidad de brindar espacios para reflexiones, (de)construcciones y (re)significaciones con sesgo antirracista y antisexista en la enseñanza de la Biología, resaltando las demandas sociales en las Ciencias Naturales.

Palabras clave: género; raza; enseñanza de la Biología.

INTRODUÇÃO

A experiência compartilhada neste artigo é um recorte de uma pesquisa desenvolvida durante um mestrado profissional em educação, a qual nos possibilitou discutir o ensino de Biologia e

suas concepções e representações imbricadas em processos históricos, socioculturais e políticos da sociedade. Assim, o presente texto propõe discutir os temas gênero e raça no ensino de Biologia na educação básica, destacando que eles possuem tanto dimensões biológicas como dimensões sociais, interligadas e indissociáveis do seu entendimento e possíveis de serem debatidas nesse campo. Desse modo, sob o aporte analítico dos estudos bakhtinianos, visamos analisar as percepções dos/as alunos/as acerca dos temas gênero e raça no ensino de Biologia, a partir de suas escritas reflexivas, materializadas e compartilhadas através das plataformas digitais Canva e Padlet.

Ressaltamos que tal proposição se originou a partir das discussões em torno do tema corpo feminino negro desenvolvidas no Grupo de Pesquisa Multiletramentos no Ensino de Línguas (MELP), coordenado pela segunda autora. Entendemos, pois, que no corpo habita a intersecção gênero/raça e racismo/sexismo, a qual possibilita debater sobre a legitimidade do discurso biológico para a diferenciação e qualificação de corpos e sujeitos. Nessa perspectiva, compreendemos que nossos corpos são constituídos por diversos atores sociais, políticos, ideológicos, os quais carregam significações a respeito de aspectos como gênero, raça e classe, configurando-se como frentes de subalternidade e opressão dentro de uma construção social patriarcal/colonial/moderna.

Assim, pois, trazemos à tona a reflexão acerca do distanciamento ou mesmo do silenciamento das Ciências Naturais e, neste caso, da Biologia⁴ sobre questões que constituem o tecido social no currículo e nas práticas pedagógicas e que, de certo modo, também a contemplam em aspectos históricos e culturais, como a percepção naturalizante das demandas de gênero e raça.

E, a partir disso, propomos pensar a Biologia pela ótica da transversalidade, enquanto vertente que possibilita enxergá-la como disciplina que aborda a vida em seus múltiplos aspectos, com

⁴ Ao longo do texto o termo Biologia empregado em com letra maiúscula referenda um campo de conhecimento que compõe a área das Ciências Naturais, lugar de produção científica e educação disciplinar. Enquanto o emprego em letra minúscula e derivados referenda circunstância/s de um corpo físico com atributos/caracteres identificados como biológicos, orgânicos e/ou naturais.

corpos de sujeitos situados sócio-historicamente e, portanto, generificados, sexualizados e racializados como corpos que carregam significações na relação cultura e natureza.

Nesse sentido, ratificamos a reflexão proposta por Nascimento, Carvalho e Costa (2022), ao advertirem que, no papel de educador no ensino de Biologia, e, assim, no de educar para as relações humanas e em sociedade, é preciso que o diálogo com saberes e demandas plurais emergidas dos movimentos sociais deve se fazer presente, constituindo-se no rompimento de silenciamentos históricos na construção de espaços de cidadania no confronto de disparidades sociais, como o racismo e o sexismo, num movimento de ação e reflexão da realidade.

Assim, argumentamos que, para se perceber esses corpos e combater quaisquer preconceitos, é necessária formação sócio-histórica, a fim de se problematizar as origens e as relações de poder sobre sujeitos e povos historicamente dominados e explorados, objetivando perceber a produção de conhecimento dentro de um contexto social marcado estruturalmente por questões como o racismo, machismo, homofobia e pela colonialidade dos saberes (MACHADO; COPPE, 2021), demanda que exige desconstruções de preconceitos e discriminações para emancipação.

Diante disso, acreditamos que, primeiramente, temos que desenvolver uma discussão em torno do ensino de Biologia e das Ciências Naturais no questionamento da suposta ideia de lugar neutro e a-crítico, concepção essa que frequentemente isenta a discussão da ciência enquanto reprodutora de preconceitos e estereótipos, limitando a experiência da crítica social nessas áreas de conhecimento quando também são sujeitas a essas construções. Desse modo, tratamos as temáticas sociais como desigualdades de gênero/sexualidade e raça/etnia, enquanto campos possíveis e produtivos ao terreno do ensino de Biologia, principalmente no favorecimento de desconstruções no ambiente escolar.

De acordo com Gomes (2005), para que a escola consiga avançar na relação entre os saberes escolares, a realidade social e a diversidade étnico-racial, é necessária a assimilação das dimensões éticas, identitárias, de diversidade, de sexualidade, de culturas e as

relações sociais e raciais da prática e do processo educacional pelos/as educadores/as, trabalhando essas dimensões como constituintes da formação humana e manifestada na vida e no cotidiano escolar.

Pretendemos, assim, através de provocações reflexivas e práticas no contexto do ensino de Biologia, contribuir para práticas de ensino contextuais, as quais explorem possibilidades reflexivas e críticas no processo de aprendizagem, e, a exemplo disto tratamos de uma proposição didática que identificamos como metodologia ativa, alinhada à pedagogia crítica freireana. A metodologia ativa, deste modo, apresenta-se aqui a partir de um estímulo para uma ação-reflexão-ação, na qual identificamos a postura ativa dos/as estudantes no seu aprendizado, na problematização de um conteúdo, agindo em coletividade e motivados/as por uma provocação e buscando compreender a problemática colocada ao concretizarem sua aprendizagem (FREIRE, 2005; MORÁN, 2015). Neste caso, as temáticas gênero e raça, as quais, a partir de uma provocação que se iniciou com palestras e momentos de discussão, incitou os/as estudantes à produção de escritas reflexivas com o gênero resenha, oportunizando posicionamentos responsivos sobre esses temas no ensino-aprendizagem de Biologia.

A partir da escrita reflexiva como prática de formação (BURTON et al., 2009) e compreendida aqui como modo multiletrado de uso da linguagem escrita ao ser intermediado por recursos tecnológicos digitais, tomamos a seguinte problemática como norteadora da pesquisa: Quais as percepções dos/as alunos/as acerca dos temas gênero e raça no ensino de Biologia, a partir de suas escritas reflexivas, materializadas e compartilhadas através das plataformas digitais Canva e Padlet?

Visando responder à referida questão, este estudo situa-se na investigação de fenômenos sociais no campo educacional, identificando-se com a abordagem qualitativa, enquanto premissa que parte da compreensão de uma problemática de pesquisa como fenômeno social que caracteriza uma realidade a ser interpretada (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2007). Essa caracterização se torna necessária, pois o objeto é tanto constituído como percebido por um sujeito que compreende em sua análise outros sujeitos, havendo

a necessidade, ao se lançar no campo de pesquisa, da percepção de que o contexto possui elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos e subjetivos, desvelados no processo investigativo de uma realidade dada dialogicamente (BATISTA; MOCROSKY; MONDINI, 2017) e aqui vivenciadas no cenário escolar.

Ademais, empreendida a partir de uma pesquisa-ação, nos apoiamos ainda nos estudos bakhtinianos e da Análise Dialógica do Discurso (ADD), buscando nos enunciados das resenhas processos de valoração, responsividade e, conseqüentemente, de ressignificação dos temas gênero e raça nos discursos dos/as alunos/as.

É válido destacar que a ADD, como aporte analítico, nos permite perceber e analisar as relações dialógicas nos usos da linguagem (oral ou escrita), uma vez que esta estabelece conexões com o contexto social e histórico, sendo elemento vivo de expressão entre o sujeito e sua realidade (BRAIT, 2006), e sua análise se dá na compreensão socializada da problemática investigada.

Assim, pois, o processo analítico das resenhas perfilado no referido estudo apresenta alinhamentos teóricos-metodológicos da análise discursiva e qualitativa, sistematizado nas seguintes etapas: a) Ordenação dos textos e agrupamento temático; b) Categorização dos enunciados: identificação de semelhanças, divergências e relações; e c) Interpretação analítica dialógica dos enunciados por elementos de valoração e responsividade.

A PROBLEMÁTICA DO DISCURSO BIOLÓGICO NA PERCEPÇÃO DO CORPO

Enquanto sujeitos sociais e históricos, devemos perceber o corpo para além de um dado biológico/natural, mas como um território de significação, a partir da concepção de que ele é a instância central no enquadramento dos sujeitos, construído discursivamente e suscetível às invenções culturais e morais. Além disso, o corpo é ainda perfilado segundo discursos produzidos a partir de um contexto, que é historicamente disciplinado e polarizado pela dualidade natureza e cultura, tendo produções

presentificadas também nas instâncias pedagógicas, as quais, por vezes, o direciona a um entendimento determinista na formação da identidade e adequação dos sujeitos (LOURO, 2000; GOELLNER, 2013).

Goellner (2013) nos alerta que para compreensão dos discursos sobre o corpo precisamos percebê-lo para além da sua biologia. A autora explica que o corpo é alvo dos mais variados investimentos sociais e culturais com discursos que portam significados, os quais ditam o que é um corpo belo e aceitável, carregando processos de normatização e exclusão dos desviantes da norma (homem, branco, heterossexual, etc.), concepções que também são propagadas no processo educacional através de representações e omissões.

O corpo, deste modo, dita a identidade na circunstância social. Longe de ser apenas um dado natural e biológico, o corpo é “produto de um inter-relacionamento entre natureza e cultura”, resulta de uma construção marcadamente temporal e espacial (GOELLNER, 2010, p.73), de modo que o destino biológico traçado às mulheres em uma sociedade, através do seu corpo, não é natural, é fruto de uma divisão biologizante entre mulheres e homens construída sócio-historicamente, a partir de uma estrutura patriarcal e heteronormativa que tem seu alicerce nos argumentos biológicos (BEAUVOIR, 2016).

O gênero, nesse sentido, é uma “categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1995, p.75). O termo enfatiza, pois, um caráter fundamentalmente social baseado nas distinções dos sexos, nas quais as relações sociais de oposição foram construídas, em que a existência feminina lhe confere, nesse processo, a condição de “outro”, como corpo difere significativamente e subjetivamente do corpo e condição social masculina (BEAUVOIR, 2016, grifo nosso).

É no corpo que também se inscreve a condição racial, elemento que constitui uma significação construída historicamente, na qual a raça, no seu sentido biológico, serviu ideologicamente para a dominação/exploração de povos não-europeus (LIMA, 2003; MUNANGA, 2005). Vale destacar que, “como discurso e prática social, a raça é ressignificada pelos sujeitos nas suas experiências

sociais" (GOMES, 2012a, p. 73), valendo indagar a história brasileira e o racismo como condição estrutural advinda do sistema colonial de dominação que se perpetua e reconfigura na globalização capitalista.

O termo raça se coloca como uma categoria discursiva que pressupõe o racismo, estruturado num sistema de poder socioeconômico de exploração e exclusão, cuja construção é política e social. Essa prática discursiva possui uma lógica que tenta justificar as diferenças sociais e culturais para legitimar a exclusão racial com bases em distinções genéticas e biológicas, em outras palavras, na natureza. Essa naturalização "parece transformar a diferença racial em um 'fato' fixo e científico, que não responde a mudança ou qualquer engenharia social reformista" (HALL, 2003, p. 69, grifo do autor). Uma concepção também compartilhada com o antissemitismo e o sexismo em que a biologia se torna a base discursiva na questão (HALL, 2003).

Tendo-se comprovado a não existência de raças humanas no sentido biológico, ela tem nesse campo de conhecimento a sua presumida justificativa no apelo às características fenotípicas para a construção de categorias sociais. No combate a essa premissa, se torna necessária a conceituação de raça, desmistificando a conceituação biológica e a ressignificando, politizando as identidades dos indivíduos negros que foram desvalorizados no uso do termo, quando as manifestações de racismo pela cor da pele, nos cabelos e outras características que determinam hierarquias que os inferioriza. Circunstância que demonstra que não temos raças biológicas, mas sociais, as quais, a partir de seus aspectos históricos, revelam questões políticas e culturais na diferenciação dos indivíduos que produziu exclusões, como populações indígenas e negras na situação brasileira (DIAS, et al., 2021) e que necessitam de uma educação contextualizada, incluindo as disciplinas das Ciências Naturais.

O corpo feminino negro encontra-se nesse contexto como ser que comporta todas as dimensões anteriormente explicitadas, cabendo perceber que tanto sua inscrição objetiva quanto subjetiva capta uma realidade social: a de corpos atravessados por um complexo de opressões (raça, gênero e classe), que resguardam

estereótipos de subalternidade desde o período escravocrata (LÓPEZ, 2015; REZENDE; TÉRREGA, 2021). Vale ressaltar que no período colonial a opressão racial e sexista sofrida pela mulher negra influenciou na construção da sua subjetividade e identidade, pois sua condição ia além da força de trabalho, e, em adição a isso, havia a exploração sexual permitida pela ordem social vigente, passando a carregar o sentido da objetificação desse corpo como um território a ser colonizado a serviço do sistema de exploração (REZENDE; TÉRREGA, 2021), em que os discursos de diferenciação biológica/natural e cultural serviam para a continuidade do sistema colonial e etnocêntrico estabelecido.

Nesse sentido, ao assumirmos uma postura contrária à disseminação de preconceitos e estereótipos que permeiam nossos entendimentos de corpo, gênero e raça, devemos pensar tanto na sua estrutura macrossocial, em reconhecer fatores políticos e ideológicos envolvidos, quanto na sua estrutura microssocial, quando presentes em processos educacionais, práticas pedagógicas, materiais didáticos e no currículo, apropriando-se de forma analítica e crítica como parte de um compromisso ético essencial a uma sociedade mais justa.

A pertinência da problematização do discurso biológico encontra-se na sua contribuição sócio-histórica a processos discriminatórios e preconceituosos, percebendo como as diferenças entre os seres e as sociedades humanas serviram, e ainda têm servido, para a construção de fenômenos etnocêntricos, hierarquizantes e discriminatórios nas relações humanas que constituem o preconceito e suas múltiplas dimensões: gênero, racial, moral, social, religiosa, entre outras. Perspectiva que traz a percepção do racismo brasileiro tanto como naturalizado, como ligado a uma estrutura hierarquizada (DE PAULA, 2005), com fatores que também permeiam nosso processo educacional, nosso entendimento de corpo e na formação da nossa identidade perante a sociedade.

Essa mesma postura se aplica ao questionarmos os conteúdos e processos pedagógicos nas disciplinas das Ciências Naturais como na Biologia, as quais, mesmo sob a égide de serem consideradas neutras e universais são constituídas sob a ótica

eurocêntrica. O ensino de Biologia numa perspectiva eurocentrada, tanto na formação de educadores como de educandos, produz invisibilidades, silenciamento de saberes, culturas e sujeitos inferiorizados pelo racismo epistêmico, trazendo narrativas desconexas da realidade experienciada (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2022).

Assim, argumentamos que a construção científica e sua produção não escapam ao contexto histórico e resguardam um paradigma epistemológico eurocêntrico/ocidental sob o discurso de legitimidade científica, carregando significações coloniais na marginalização de seres e saberes (QUIJANO, 2009). Nos valendo questionar os privilégios epistemológicos e as violências simbólicas (BOURDIEU; PASSERON, 1992) reproduzidas no currículo escolar brasileiro, assim como nas suas práticas pedagógicas e materiais didáticos que são repassados aos estudantes, em refletir sobre as relações de poder entre grupos sociais e hegemonias imbricadas no processo educacional.

A Biologia, como as Ciências Naturais, não estão isentas de concepções sociais devendo ser problematizadas nas escolhas das ilustrações, dos conteúdos, dos exemplos e, até mesmo, nas ausências, desde o contexto histórico da classificação humana ao determinismo sexual.

Nesse contexto, descolonizar os currículos se torna um desafio à educação escolar, para repensar a rigidez das grades curriculares, o seu aspecto conteudista e propriamente a necessidade de diálogo entre a escola, o currículo e a realidade social dos/as estudantes. Assim também, há a necessidade de formação de professores/as reflexivos em suas práticas nas culturas negadas e silenciadas nos currículos, as quais podem ser alcançadas, inicialmente, por meio de rupturas epistemológicas, quanto à questão racial, evidenciando a educação brasileira para perceber as formas com as quais a cultura negra, as questões de gênero, de juventude e os movimentos sociais dos grupos marginalizados são distanciados do cotidiano escolar e dos currículos (GOMES, 2012b).

Ações como a Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio, bem como a Lei 11.645 de 2008, que inclui no currículo de ensino básico também a educação indígena, tornam-se

marcos nas conquistas dos movimentos negros e indígenas, passando a atribuir ao ensino reparar, reconhecer e valorizar as comunidades negra e indígena para a superação de preconceitos e melhorias do ensino na formação social e nacional, reconhecendo, portanto, o racismo como algo que perpassa o ambiente escolar, devendo, ainda, permitir e estimular a discussão.

A educação para as relações étnico-raciais, desse modo, perpassa todo o processo educacional como demanda social que se estende à prática pedagógica, à formação de professores/as e aos alunos/as, envolvendo uma atuação transversal e interdisciplinar.

POR UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA (TRANS)FORMADORA NO ENSINO DE BIOLOGIA: NOSSA EXPERIÊNCIA

No ensino de Biologia, encontramos diversas perspectivas de estudos sobre o corpo humano (anatomia, fisiologia): sexo, biodiversidade, classificação dos seres vivos, suas genéticas, conteúdos, estes, que em maior ou menor grau se aproximam das questões de gênero e raça, mas que frequentemente são tratados apenas pelo aspecto naturalista, sendo, muitas vezes, omissos ou raros os debates quantos aos aspectos histórico-culturais relacionados. Frente a isso, o questionamento que colocamos é justamente acerca do tratamento desses conteúdos, desconectados da problematização de uma realidade contemporânea com relações históricas, as quais compreendem uma demanda social quanto às relações de gênero (sexismo) e ao racismo, haja vista possuírem construções e justificativas que recorrem historicamente à Biologia.

Refletir sobre a pertinência da abordagem das questões socioculturais no ensino de Biologia, bem como na área das Ciências Naturais se dá não somente enquanto demandas que atravessam os conteúdos, mas enquanto demandas que afetam nossas vidas em sociedade e que acabam por trazer indagações sobre nossas práticas pedagógicas e sobre a formação docente. Nesse sentido, entendemos serem pertinentes (e urgentes) ações pedagógicas, em quaisquer áreas do conhecimento, que estejam preocupadas em

combater discriminações e formar sujeitos críticos e atentos às constantes mudanças na vida em sociedade.

Nessa perspectiva, a formação docente é permanente e reflete tanto a própria prática como as práticas sociais vividas, podendo ser construída através de um trabalho reflexivo e crítico da própria prática, e, assim, oportunizar a transformação escolar, considerando a formação uma construção humana e social. Afinal, acreditamos que, ao ensinarmos crianças e jovens, devemos sempre estar aptos a aprender, pois eles/as fazem parte do desenvolvimento de futuros cidadãos em um mundo de constante mudança, tornando-se, portanto, essencial uma formação de cidadãos comprometidos com a melhoria da sociedade (NÓVOA, 2002; CANDAU, 2017).

Desse modo, ao elegermos a escrita reflexiva como instrumento em (dis) curso no ensino da Biologia, defendemos ser esta uma possibilidade para práticas pedagógicas antirracistas e antissexistas, uma vez que se torna uma forma de aliar temáticas como gênero e raça sob uma ótica situada e identitária de (auto) aprendizagem, com discussões que atravessam as diversas esferas sociais, além das escolares, que compõem a realidade dos/as estudantes.

Diante disso, a presente pesquisa trata-se de um recorte de uma investigação desenvolvida em um mestrado profissional em Educação. Mais especificamente, analisa as atividades didáticas realizadas em agosto de 2022, no que denominamos de Ciclo de Discussões em Biologia, com alunos/as do 3º do Ensino Médio de uma escola da rede estadual, localizada na zona periférica da capital São Luís, no Maranhão, que contou ainda com a colaboração da professora de Biologia dos/as mesmos/as. Na programação, ocorreram duas palestras com discussões abertas pré-definidas e previamente articuladas ao calendário escolar, as quais incitaram os/as alunos/as à produção de uma escrita reflexiva com o gênero resenha, através da qual buscamos apreender as percepções e ressignificações pela ADD por meio de elementos de valoração e responsividade discursiva empregadas.

Destacamos que esta prática didática enquanto pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e aprovada sob o CAEE N°

51800421.3.0000.5554. Nosso percurso formativo se iniciou com dois encontros, nos quais ocorreram palestras e rodas de conversa (Imagem 1) com os seguintes temas: i) Discutindo gênero: feminilidades e masculinidades, construções socioculturais e biológicas; ii) Biologia, cultura e raça: algumas reflexões pertinentes. Esses momentos de palestras e discussões buscavam provocar uma reflexão crítica por parte dos/as estudantes sobre os temas e a transdisciplinaridade no ensino de Biologia, a fim de se perceber como essas temáticas são atravessadas por demandas e construções histórico-culturais.

Imagem 1 – Momentos de palestra com os/as alunos/as



Fonte: Acervo de pesquisa das autoras.

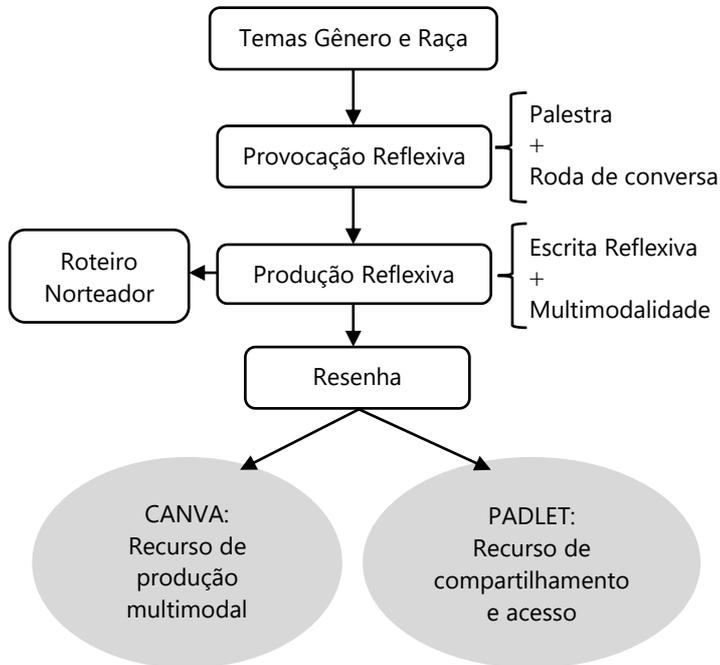
Posteriormente a esses momentos, tivemos como atividade complementar a produção de resenhas colaborativas, em equipes de 5 a 6 estudantes, orientadas a partir de roteiros com questionamentos norteadores para auxiliá-los na escrita reflexiva. Os roteiros das resenhas convidavam os/as alunos/as a produzir sobre as temáticas anteriormente discutidas e possuíam questionamentos norteadores de reflexão, tais como: se (e como) o momento possibilitou conhecer mais sobre os temas e a percepção destes no cotidiano pessoal e escolar; como eles/as compreendiam esses temas sob algum aspecto relacionado ao ensino de Biologia; qual a relevância dessas discussões em sua aprendizagem para além da escola, etc.

Os roteiros para a produção da resenha com os questionamentos norteadores foram produzidos na plataforma Canva e disponibilizados via link (para acesso na plataforma) e

impresso, um (por grupo de trabalho) para cada encontro temático, totalizando dois roteiros que poderiam ser feitos de forma manuscrita ou digitada.

Na Figura 1, sistematizamos o percurso do processo formativo realizado, culminando com as escritas reflexivas dos/as estudantes.

Figura 1 – O processo formativo das produções



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Esta prática se originou da necessidade de problematizar conhecimentos relacionados às demandas sociais no âmbito escolar e em específico ao ensino de Biologia, ao desmistificar contextos sócio-históricos sobre os temas gênero e raça, relacionando-os a demandas que emergem de movimentos sociais. O intuito se dava em perceber que muitas narrativas sobre esses temas possuem uma relação tênue com os estudos naturalistas e construções históricas fazendo com que percepções sobre eles tenham vieses biologizantes e determinantes das e para as relações humanas,

servindo frequentemente como pano de fundo para discursos preconceituosos, sexistas e racistas.

Acreditamos que debater temáticas como o racismo na escola se torna uma ação crucial no combate e superação de preconceitos e discriminações que atravessam nossos currículos, materiais e práticas pedagógicas, que a partir de indagações sobre o seu desenrolar histórico e educacional podemos construir ações afirmativas e dar novos sentidos a sua dimensão político-pedagógica (PEREIRA, 2005), como também na discussão de gênero/sexismo com forma de visibilizar discussões e demandas emergentes, pensando em práticas pedagógicas transformadoras e emancipatórias na escola.

A PRÁTICA REFLEXIVA: DIÁLOGOS E RESSIGNIFICAÇÕES

O gênero textual resenha, em que se concretiza a escrita reflexiva desses/as estudantes, é aqui tomada como processo legítimo de construção de sentido, no qual se dá uma sucessão de escolhas por esses sujeitos na comunicação de um determinado ponto de vista, quanto a aspectos de sujeito, tempo e espaço, os quais não são dados de forma aleatória ou neutra, mas concebidos dentro de um contexto sócio-histórico e materializados na enunciação discursiva da linguagem em uma prática social situada (GUIMARÃES; SOBRAL, 2020).

Essa construção de sentido no emprego da linguagem possui em si processos internos - advindos de uma subjetividade do indivíduo - e externos - que compreende um contexto sócio-histórico situado - que se estabelecem dialogicamente, situação que favorece o emprego da Análise Dialógica do Discurso (ADD).

Ademais, a ADD prevê a relação entre discursos macrossociais (externo ao indivíduo) e microssociais (percepção interna dos indivíduos), de modo não estão isolado e inter-relacionado, coexistindo simultaneamente (ANDRADE, et al., 2017). Diante disso, o entendimento, ou mesmo, a interpretação sobre os temas gênero e raça como questões não próprias da Biologia se situa como dentro de um discurso em que temáticas das Ciências Sociais não se relacionam com a área das Ciências da Natureza

coloca-se, numa narrativa para o distanciamento dessa discussão nesse campo.

No entanto, salientamos que a abordagem desses temas no ensino de Biologia não somente se relaciona ao aspecto da transversalidade no ensino, como se trata uma demanda social que envolve violências e desigualdades raciais e de gênero em nossa sociedade. Além disso, consideramos como demanda identitária, com sentidos na construção da subjetividade e do pertencimento desses/as alunos/as, situação que permite aproximar os sujeitos da discussão dessas problemáticas. Nesse sentido, entendemos que a Biologia e seu ensino lidam com sujeitos socialmente generificados e racializados e, por isso, impossíveis de serem dissociados de um contexto, assim como a própria produção do conhecimento.

Desse modo, nos interessa saber a percepção dos/as alunos/as sobre os temas gênero e raça no contexto do ensino de Biologia e se foi possível com essa prática a resignificação dessas temáticas, analisando os enunciados da produção escrita deles/as, entendendo que a materialização de tais discursos são socialmente situados por elementos verbais. Situadas pela ancoragem dos estudos bakhtinianos, consideramos que tais enunciados nos possibilitam identificar a rede dialógica presente nos discursos dos/as estudantes, haja vista se dá dentro de um contexto situado sócio-historicamente, que incita tais interlocutores/as a assumirem um posicionamento responsivo, discutindo, ampliando, ou, até mesmo, melhorando aquilo que recebeu, e, assim, agindo de forma ativa no ato enunciativo (ROSA; VAZ, 2021). Nesse ato discursivo podem ser presentificadas as desconstruções e as resignificações a partir daquilo que foi apreendido no processo formativo-reflexivo.

Percebemos nesses enunciados os caracteres valorativos, advindos de posicionamentos axiológicos, qualificações em um ato avaliativo responsivo dos/as interlocutores/as (estudantes), nas suas respostas ante ao enunciado concebido a partir de uma prática social situada, na qual buscamos as percepções e as resignificações empreendidas na prática didática reflexiva acerca dos temas gênero e raça.

Assim, a partir da amostragem de duas resenhas produzidas pelos/as alunos/as, investigamos como os processos de significação se inscrevem na escrita reflexiva.

A percepção da temática gênero

É preciso destacar, conforme já mencionado, que os trechos analisados foram extraídos das resenhas produzidas após a palestra e o debate.

No Quadro 1, sistematizamos alguns desses trechos quanto à abordagem do tema Gênero. É possível notar o amplo uso dos pronomes pessoais e possessivos em 1ª pessoa do plural (Nós, Nosso, Nossa), implícitos ou explícitos na percepção do tema como parte do cotidiano, em que os/as estudantes assumem a personalidade do discurso, ao se situarem na realidade em que se inscrevem.

Pontuamos também que no 1º enunciado há aspectos de valoração do tema, ao afirmarem que “têm a necessidade de conhecermos nosso corpo” ou no quando alertam sobre “situações perigosas”, fazendo alusão às questões de violência de gênero (assédio e abuso sexual) frequentemente noticiadas e assumindo um ato responsivo em resposta à provocação reflexiva do tema em para “perdemos preconceitos”, afirmação que reconhece a existência de preconceitos de gênero em diversos espaços da sociedade.

No 2º enunciado, notamos que houve uma ampliação do entendimento que tinham sobre o ensino de Biologia, ao reiterarem que, conforme discutido nas rodas de conversa após a palestra, o estudo da Biologia é “além de estudar plantas e animais”. Ao destacarem tal acepção, os/as estudantes colocam seus posicionamentos responsivos numa perspectiva de ampliação e mudança na percepção que tinham antes das discussões nas palestras. Ressaltamos, ainda, que os/as estudantes valoram positivamente tais eventos ocorridos na escola, quando enunciam suas percepções acerca da importância de se saber a diferença entre sexo e gênero: “a Biologia pode nos ensinar sobre pautas importantes dentro da ciência, como saber a diferença entre sexo

(genital reprodutor) e gênero (se identificar como homem ou mulher)“.

Na desmitificação da diferenciação entre sexo e gênero, se torna relevante a identificação dos aspectos sociais e históricos envolvidos naquilo que entendemos como “ser mulher” ou “ser homem” em sociedade, aspectos que vão além da anatomia e da fisiologia dos corpos. Quanto a esse ponto, Beauvoir (2016) esclarece que o feminino não é somente ligado a aspectos biológicos, mas uma forma de expressão social do ser mulher, que está relacionado a fatores sociais e culturais de um corpo biológico que é moldado social e historicamente.

E, ainda quanto a distinção entre sexo/gênero, Butler (2010) nos alerta para a heteronormatividade na determinação de feminilidade/masculinidade, na percepção da performatividade social dos corpos/sujeitos, e de como nesta estão associadas as relações de poder encontradas nos discursos hegemônicos, devendo, por isso, serem problematizadas suas naturalizações compulsórias. Scott (1995) adverte que a categoria gênero enfatiza o aspecto relacional às definições normativas de feminilidade, aos papéis sexuais atribuídos aos sujeitos determinados pelo sexo que se expressam como formas de poder nas diferenças.

No 3º enunciado a percepção traz aspectos axiológicos sobre o tema, tratando como conhecimento “importante”, ao passo que põe uma necessidade quando retratado como assunto “pouco debatido”, seja em círculos sociais e/ou educacionais, enquanto tema que resguarda questões polêmicas, seja por questões religiosas, morais e/ou culturais, enquanto circunstâncias que podem inviabilizar sua discussão.

Quadro 1 – Enunciados da resenha sobre a temática gênero

Sobre a presença da temática no cotidiano pessoal e/ou escolar – Enunciado 1

“[...] sim, pelo simples motivo de <u>conhecermos nosso corpo</u> , além disso nos livrarmos de <u>situações perigosas</u> e para <u>perdemos preconceitos</u> ensinados pela sociedade.”

Sobre a relação entre o tema e o ensino de Biologia - Enunciado 2

"A Biologia vai além de estudar sobre animais e plantas, ela pode nos ensinar sobre pautas importantes dentro da ciência, como foi apresentado na palestra, é importante saber a diferença entre sexo (genital reprodutor) e gênero (se identificar como homem ou mulher)."

Sobre a importância da discussão do tema - Enunciado 3

"[...] conhecimento sempre será importante, principalmente quando é sobre um assunto pouco debatido."

Fonte: Elaborado pelas autoras (grifos nossos).

A percepção da temática raça

No Quadro 2, sistematizamos alguns trechos das resenhas para analisarmos as percepções dos/as estudantes quanto ao tema raça.

No enunciado 4, verificamos a responsividade dos/as alunos/as, ao reconhecerem a temática raça como algo integrante de seu cotidiano, com problemáticas de dimensões culturais presentificadas na realidade vivida por eles/as: "temos contato o tempo inteiro com pessoas de raças e culturas diferentes", mas, "apesar de o Brasil ser um país onde tem várias raças e ser pluricultural, as realidades são muito diferentes".

O tema é colocado no enunciado 5 pelos/as interlocutores/as valorativamente como de "extrema importância" e acrescenta com posicionamento responsivo ativo diante do que foi desenvolvido no momento de palestra a percepção de uma desconstrução necessária a ser feita: a do "racismo estrutural", concepção que se refere ao fenômeno do racismo como próprio da estrutura social, como resultado de sistema dado institucionalmente, historicamente e culturalmente enraizado na sociedade brasileira, que resulta em discriminações e desigualdades raciais, bem como da diversidade cultural.

No enunciado 6, notamos no discurso a retificação da importância do tema e daquilo que foi abordado no momento de

palestra (aspecto axiológico atribuído): “por tudo que já foi dito” e reforçando responsabilmente como uma demanda sócio-histórica a ser solucionada a “quebra do racismo estrutural”, que colocam o tema como de ordem cultural presente no “nosso cotidiano”, enunciado que engloba várias vozes como uma questão social brasileira.

Quadro 2 – Enunciados da resenha sobre a temática raça

Sobre a presença da temática no cotidiano pessoal e/ou escolar - Enunciado 4
“[...] <u>temos contato o tempo inteiro</u> com pessoas de raças e culturas diferentes, apesar de o <u>Brasil</u> ser um país onde tem várias raças e ser <u>pluricultural</u> , <u>as realidades são muito diferentes</u> entre elas.”
Sobre a relação entre o tema e o ensino de Biologia - Enunciado 5
“[...]as discussões apresentadas na palestra foram de <u>extrema importância</u> e existem outras diversas formas, como por exemplo nome de objetos de forma racista, a <u>desconstrução do racismo estrutural</u> , a compreensão de diversas culturas do Brasil [...]”
Sobre a importância da discussão do tema - Enunciado 6
“[...] sim, por tudo que foi dito nas questões anteriores, pelas doenças, pelo conhecimento, pela <u>quebra do racismo estrutural</u> e o entendimento das várias formas de <u>culturas</u> presentes em <u>nosso cotidiano</u> .”

Fonte: Elaborado pelas autoras com grifos nossos.

Diante do que foi desenvolvido, apesar de não identificarmos uma problematização mais aprofundada sobre os temas e os enlaces com a Biologia, percebemos o reconhecimento da validade das temáticas, algumas relações estabelecidas e a importância da abordagem na identificação de aspectos estruturantes dos temas a um contexto estabelecido socioculturalmente e que os/as atravessam.

Pudemos perceber com essas análises que nos discursos empregados por estes/as alunos/as a existência de posicionamentos axiológicos na certificação da validade da abordagem das temáticas

no contexto escolar em que estão inseridos/as, como também de uma visão mais amplificada e ressignificada nas dimensões possíveis da discussão dos temas gênero e raça no ensino de Biologia, além de posicionamentos responsivos ativos sobre essas temáticas no sentido da ampliação de visão dos assuntos, das desconstruções e consequentemente das ressignificações.

Nas vozes sociais percebidas, esses discursos se relacionam dialogicamente com o contexto sócio-histórico em que se encontram os/as enunciadore/as. É possível perceber aspectos de coletividade e identificação quando os enunciadore/as se incluem nos discursos sobre tais temáticas e como aspectos correspondentes a fatores históricos, sociais e culturais da sociedade em que estão inseridos/as.

Diante dos resultados, devemos nos atentar para os processos de naturalização de demandas sociais que podem subsidiar narrativas fundamentalistas sobre o gênero, a raça e suas demandas, quando entendidas somente pelo prisma das diferenças biológicas, inviabilizando discussões sobre aspectos históricos e também políticos na questão educacional envolvida, bem como suas construções socioculturais.

Atentando que essa base natural possui em si uma hierarquização social em que se assentam diversas áreas de conhecimento e principalmente as Ciências Naturais, como coloca Guimarães (1995), muitas vezes justificada por um apelo à ordem natural, mesmo que essa racionalização possa ser feita de distintas maneiras, a exemplo a justificativa sobre a posição subordinada das mulheres dadas pelo sexo e fatores fisiológicos, ou ainda, a escravidão dos africanos pela posição social inferior limitada ao caráter "raça". O apelo a ideia de ordem natural como justificativa emerge de sistemas hierarquicamente fixados, naturalizando fenômenos que são em si sociais (GUIMARÃES, 1995; HALL, 2003; MUNANGA, 2003).

De modo que problematizar demandas étnico-raciais no espaço escolar e, em especial, no ensino de Biologia rompe o silêncio que permite a discussão do racismo e a valorização da diversidade étnico-racial que atravessa a identidade de docentes e discentes. Para Verrangia (2022), estreitar a relação entre a educação

científica e a educação para as relações étnico-raciais permite discutir sobre humanidade e interculturalidade, em questionar a marginalização da população negra no Brasil e permite ainda repensar práticas educativas escolares na reconstrução de saberes no compromisso de superação de preconceitos e estereótipos, percebendo identidades e pertencimentos em sala de aula.

Esses são temas que versam com processos vividos pela sociedade, conseqüentemente estudantes e educadores/as em seu cotidiano, sobre a vida humana, a realidade e que demandam discussões e transformações sociais, percebendo suas implicações no processo de ensino-aprendizagem relacionado com o mundo devendo se dá de forma reflexiva e crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa prática de pesquisa demonstrou um campo fértil para promoção de outras possibilidades para o ensino-aprendizagem de Biologia na abordagem de questões sociais, demonstrando o espaço escolar como campo propício para problematização e desconstrução de racismos e sexismos que possam se fazer presentes no percurso escolar. E a partir dessa prática podem ser pensadas formas outras de ensinar Biologia e de dar visibilidade aos processos em (dis) curso no ensino-aprendizagem, por um olhar histórico-contextual e (trans)formador que pode render discussões amplas e aliadas à realidade experienciada pelos/as estudantes.

Os temas gênero e raça como demonstrados no estudo podem fazer parte do ensino-aprendizagem de Biologia através de uma percepção mais ampla e contextualizada quando pensada e trabalhada sob um viés transversal e interdisciplinar, tornando possível construir um caminho ressignificação de premissas limitadoras e excludentes no ensino ao ampliar o debate.

O ensino-aprendizagem de Biologia transversal e aliado ao contexto social é necessário para o desenvolvimento de educandos/as conscientes e crítico de seus conteúdos e de sua realidade, além de atuantes em oposição a processos de

discriminação e preconceitos, pensando na construção de uma sociedade ética e mais justa.

Nossa prática didática e de pesquisa, ao evidenciar as escritas reflexivas dos/as estudantes materializadas nas resenhas, se coloca, nesse sentido, como uma ação de combate e superação de preconceitos e discriminações que atravessam a escola e o ensino de Biologia, possuindo uma dimensão político-pedagógica afirmativa, contribuindo para desconstruir a prerrogativa do natural, muitas vezes invocados a essas duas demandas sociais, as naturalizando a partir de uma concepção de ordem a-histórica ou mesmo trans-histórica, ao destituí-las de contextos e interesses, pois aquilo que é interpretado como natural pode se inscrever dentro de uma construção humana.

Referências

ANDRADE, Cláudia Cristina dos Santos; NEVES, Douglas Francisco de Mello; PRADO, Juliana Maria Ferreira; BASTOS, Patrícia de Jesus; FREITAS Tatiana Maia de. Análise Dialógica do Discursiva: desafios e perspectivas em estudos sobre educação e cultura. **e-Mosaicos** - Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp - UERJ) V. 6 - N. 12, Agosto, 2017.

BATISTA, Josiel de Oliveira; MOCROSKY, Luciane Ferreira; MONDINI, Fabiane. Sujeito e objeto na produção de conhecimento. **ACTIO: Docência em Ciências**, Curitiba, v.2, n.3, p. 44-59, out./dez. 2017.

Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/6885/4619>. Acesso em: 22 jan. 2022.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Vol. I. 3.ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: 3ª edição, 1992.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BURTON, J. et al. **Reflective writing**: a way to lifelong teacher learning. United States of American: TESL-EJ Publications, 2009. E-book disponível em: <http://www.tesl-ej.org/wordpress/books>. Acesso em: 20 dez. 2021.

BRAIT, Beth. Análise e Teoria do Discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: Outros Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Novos rumos da licenciatura**. 12^o ed. Brasília, DF: INEP/PUC-RJ, 2017.

DE PAULA, Claudia Regina. Magistério, reações do feminino e da branquira: a narrativa de um professor negro. In: **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. 278p. Disponível em: http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/historia_educacao_negro.pdf. Acesso em: 9 set. 2022.

DIAS, Lucimar Rosa; SILVA, Valeria Pereira da; SILVA, Sandra Aparecida; ALMEIDA, Ranna Emanuelle. Educação antirracista uma prática para todos/as, um compromisso ainda de poucos/as. **Kwanissa**, São Luís, v. 04, n. 11, p. 299-314, 2021. Disponível em: <http://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/17602/9706>. Acesso em: 17 jan. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação RBCE**, p. 71-83, mar. 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (orgs.). **Corpo, gênero e**

sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo nas escolas**. 2ªed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: [http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/MUNANGA%20%20-%20Superando%20o%20Racismo%20na%20Escola%20\(sem%20capa\).PDF](http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/MUNANGA%20%20-%20Superando%20o%20Racismo%20na%20Escola%20(sem%20capa).PDF). Acesso em: 30 mai. 2021.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação e Sociedade**. Campinas: v. 33, n. 120, jul-set. 2012a. p. 727-744a. Disponível em: scielo.br/j/es/a/wQQ8dbKRR3MNZDJKp5cfZ4M/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 28 jan. 2022.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização de currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012b. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2022.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil, **Novos Estudos**, N°43, Novembro, 1995. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4116181/mod_resource/content/0/A.%20S.%20Guimar%C3%A3es%20-%20Racismo%20e%20anti-racismo%20no%20Brasil.pdf. Acesso em: 29 ago. 2021.

GUIMARÃES, Francisco Tavares; SOBRAL, Adail Ubrajara. Contribuições do conceito de gêneros do discurso para a promoção dos letramentos na escola: uma perspectiva de ensino dialógico. In: ABREU, K. F.; BARBOSA, M. S. M. F. (Orgs.). **Letramentos, abordagens dialógicas discursivas e educação profissional**. Petrolina: IF Sertão-PE, 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília, DF: Unesco no Brasil, 2003.

LIMA, Maria Batista. Identidade étnico/racial no Brasil: Uma reflexão teórico-metodológica. **Revista Fórum Identidades**, Ano 2, V. 3, p. 33-46, jan./jun., 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/1742/1533>. Acesso em: 3 mar. 2022.

LOPÉZ, Laura Cecília. O corpo colonial e as políticas e poéticas da diáspora para compreender as mobilizações afro-latino-americanas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 301-330, jan./jun. 2015. Disponível em: scielo.br/j/ha/a/fGCwKrcNRRcxNCVShNQZvzJ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 12 set. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação e realidade**. 25 (2) 59-76, jun/dez. 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/46833/29119>. Acesso em: 20 ago. 2020.

MACHADO, Vitor Fabrício; COPPE, Cristiane. Educação Científica contra o Preconceito: da Natureza às Multinaturezas, **Revista brasileira de pesquisa em educação em ciências**. Volume 22, e32489, 1-23, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/32489/29877>. Acesso em: 7 mar. 2022

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social:** Teoria, método e criatividade. Ed. 26. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, C. A.; MORALES, O. E. T. (Orgs.). **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania:** aproximações jovens. Ponta Grossa: UEPG/PROEX, 2015. 180p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4941832/mod_resource/content/1/Artigo-Moran.pdf. Acesso em: 22 ago. 2022.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. [Artigo on-line, 2004]. **3º**

Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - PENESB-RJ, 05/11/03. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-noco-es-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p. Disponível em: [http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/MUNANGA%20K%20-%20Superando%20o%20Racismo%20na%20Escola%20\(sem%20cap%20a\).PDF](http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/MUNANGA%20K%20-%20Superando%20o%20Racismo%20na%20Escola%20(sem%20cap%20a).PDF). Acesso em: 30 mai. 2021.

NASCIMENTO, Brenda Iolanda Silva do; CARVALHO, Iago Vilaça de; COSTA, Fernanda Antunes Gomes da. Vozes-mulheres-negras no ensino de biologia para uma escola comprometida com a promoção da saúde. **REnBio - Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**. vol. 15, nesp2, p.513-530, 2022. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/739/263>. Acesso em 17 de set. 2022.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/3703>. Acesso em: 23 jan. 2023.

OLIVEIRA, Leticia de Cassia; OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues. Relações étnico-raciais no ensino de biologia: uma experiência na formação inicial docente. **REnBio - Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**. vol. 15, nesp2, p.712-732, 2022. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/748/277>. Acesso em 17 de set. 2022.

PEREIRA, Amauri Mendes. Escola: espaço privilegiado para a construção da cultura de consciência negra. In: **História da Educação do Negro e outras histórias** - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. Disponível em:

http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/historia_educacao_negro.pdf. Acesso em: 9 set. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

RESENDE, Damares, Tuzino; TÁRREGA, Maria Cristina Vidotte Blanco. Colonialidade do corpo feminino negro: trabalho reprodutivo no período escravocrata brasileiro e justiça racial. **Revista Videre**, Dourados, v. 13, n. 27, maio/ago., 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/videre/article/view/14416/8085>. Acesso em: 13 set. 2022.

ROSA, Douglas Corrêa da; VAZ, Alex Meneghete. Valoração e responsividade: uma análise dialógica de discursos polêmicos. **Letrônica**, Porto Alegre, v.14, n. esp. (sup.), p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/42518/27446>. Acesso em: 10 abr. 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil na análise histórica. **Educação e Realidade**. Vol. 20 (2), Jul/dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 13 mar. 2022.

VERRANGIA, Douglas. A educação das relações étnico-raciais: uma proposta teórico-metodológica para a desconstrução de estereótipos na educação em ciências e biologia. **REnBio - Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**. vol.15, nesp2, p. 492-512, 2022. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/782/288>. Acesso em 17 de set. 2022.

Recebido em: *Maio/ 2023*.

Aprovado em: *Setembro/ 2023*.